Desenvolvimento do agronegócio

É NECESSÁRIO PLANEJAMENTO

Plinio M. Nastari*

O CRESCIMENTO da produção e exportação de grãos, de carnes de frango, suína e bovina, a expansão e as exportações da agricultura energética, com a cana-de-açúcar e os seus principais produtos – etanol, açúcar, e bioeletricidade – e o biodiesel, a recuperação da mandioca, os projetos de palma, a consolidação do País como maior produtor e exportador de café e o crescimento da produção de látex devem ser creditados em grande parte à condição de relativamente baixa intervenção do Governo na atividade agrícola e pecuária. Isso é bom e deve ser mantido assim. Mas, não se pode confundir baixa intervenção com absoluta falta de planejamento.

Esse desenvolvimento tem ocorrido apesar de uma infraestrutura logística incapaz de dar suporte a todo esse crescimento e apesar dos focos de instabilidade causados pela insegurança jurídica relacionada à propriedade da terra, pelas incertezas sobre a legislação, recentemente concluída, do Código Florestal, pela ação do Ministério Público – que, em alguns casos, extrapola a legislação em vigor – e pelo controle de preços de combustíveis – que tem causado atrasos e prejuízos aos setores do etanol, açúcar e biodiesel. Estes fatores de influência negativa têm gerado perda de renda considerável. Em estudo recente, o Banco Mundial estimou as perdas para a agricultura advindas apenas da logística deficiente em cerca de 6% do PIB.

Chama a atenção o fato de que esse crescimento vem ocorrendo de forma desordenada, fruto da ação empreendedora, quase sempre caracterizada por coragem e pioneirismo, dos agentes privados. Este crescimento vem ocorrendo sem o menor planejamento, e um dos resultados tem sido o descompasso entre o volume e a localização da produção e entre a infraestrutura de armazenagem e o escoamento.

A PERDA DA AGRICULTURA ADVINDA DA LOGÍSTICA É DE CERCA DE 6% DO PIB.



SHUTTERSTOCK

Planejamento não deve confundir-se com dirigismo, mas sim ser interpretado como norteador do que seria um modelo mais eficiente de integração de toda a cadeia de produção, comercialização e logística. Se houvesse um efetivo planejamento da atividade agropecuária, poderiam ser antecipados grandes movimentos e todas as suas implicações regionais. Os atuais Planos de Safra são pouco mais do que estimativas anuais de produção e não podem ser considerados como parte de um planejamento mais elaborado.

Nos Estados Unidos, há décadas, existe esse planejamento. É conduzido pelo Departamento de Agricultura (USDA), por meio de um elaborado modelo econômico desenvolvido na década de 70 pelo professor Earl O. Heady, do CARD (Center for Agricultural and Rural Development), da Iowa State University, e seus associados. Este modelo é uma grande matriz de programação linear, em que são listadas todas as atividades possíveis de serem desenvolvidas em cada condado (grupo de municípios) dos EUA. A cada atividade é atribuído um custo estimado de produção, e para os usos de insumos a ela relacionados são também identificadas as disponibilidades e necessidades de transferência de insumos, os custos dos insumos, os custos de escoamento e os preços dos produtos finais. O resultado deste grande modelo é uma solução em que se obtém qual a renda máxima que pode ser extra-

ída da atividade agrícola em todo o país, identificando as melhores atividades a serem desenvolvidas em cada condado, cada região. Dependendo da situação em cada ano, a solução ótima varia. As mudanças não são dramáticas, mas indicam uma direção.

O resultado deste modelo não é utilizado para obrigar quem quer que seja a produzir, comercializar ou transportar produtos, mas serve como orientação aos agentes privados sobre quais as melhores opções para cada geografia. Serve para que linhas de crédito sejam concedidas para a produção dos produtos que vão gerar mais renda em cada condado. Cada produtor pode fazer o que quiser com a sua terra, mas terá crédito e/ou seguro rural favorecido para as atividades consideradas prioritárias naquele ano. O modelo serve também para identificar gargalos de logística e oportunidades de desenvolvimento de granjas de suínos, frangos ou confinamento de gado, além do custo de oportunidade dos investimentos para eliminar estes gargalos.

No Brasil, houve um extraordinário crescimento da produção de milho e soja no Mato Grosso. O elevado custo de logística, fruto do descompasso entre a infraestrutura de transporte e a produção, pela falta de planejamento, tem gerado situações como a verificada recentemente, com o preço do milho na origem de R$ 9 a R$ 10 por saca, enquanto, no porto de Paranaguá, vale R$ 27 por saca. O planejamento teria servido para que linhas de crédito para instalação de capacidade adicional de armazenagem em silos tivessem sido criadas com antecedência, e não depois que o problema se instalou e os grãos foram armazenados a céu aberto; para que incentivos fossem dados para a instalação de mais granjas de suínos e frangos – pois a maneira mais eficiente de transportar grãos é na forma de proteína; e para que parte desse excedente fosse direcionada, a tempo, para regiões como o Nordeste, onde houve deficiência devido à seca.

A agricultura e a pecuária brasileiras têm se desenvolvido sem planejamento, e, com ele, poderia estar sendo otimizado o PIB agropecuário. As empresas envolvidas nos importantes eixos de suprimento de insumos – fertilizantes, produtos de proteção ao cultivo como pesticidas e fungicidas, e outros defensivos – teriam condições de tomar decisões de investimento e disponibilização de insumos de forma mais eficiente, barateando o custo final destes produtos, aumentando a renda, viabilizando mais investimentos e, como resultado final, aumentando o PIB agropecuário.

Essa mesma preocupação e modelo devem ser considerados como uma ferramenta importante para outros países em situação similar à do Brasil, com potencial para desempenhar um papel relevante no cenário mundial de produção de produtos agropecuários, enfrentando assim, de forma mais eficiente, o desafio de suprir uma demanda que cresce rapidamente, não apenas em quantidade, mas também em qualidade. ■

* Presidente da DATAGRO Consultoria; foi professor de Microeconomia e Macroeconomia na EAESP-FGV



SHUTTERSTOCK